

PARTE I

Contextualização e Referenciais

2.

Narrativa de um design solidário

Apresenta todo processo de contato com a cultura local, a vida no campo, as técnicas, os experimentos e construções desenvolvidos com a comunidade, a relação homem-natureza, a chegada do Parque, reuniões e união da comunidade em torno de um possível problema, relação com a APA-Mantiqueira, Ibama e Policia Florestal, ao longo das obras em andamento. Autonomia do homem.

Antecedentes

Quando fui chamado para projetar e construir a residência de uns primos em Itamonte-MG, pude reviver uma sensação que há muito não experimentava. O retorno ao campo.

Voltar a sentir a natureza num ambiente ainda bem conservado, voltar a sentir e respirar o oxigênio numa atmosfera com alto grau de pureza, me transportou ao tempo de infância, aos momentos de longa temporada na fazenda de nossos avós em Goiás. A aquisição destas terras em Itamonte-MG foi intencionalmente uma oportunidade da chamada “grande família”, que incluía tanto os primos, tios, avós como os amigos, de reviver os tempos de convívio coletivo com o ambiente natural. Conseqüentemente acabei também adquirindo terras no local onde pudemos estabelecer a antiga comunhão familiar.

O fato de retomarmos este contato com a vida no campo foi relevante em vários aspectos, não só no familiar. Foi uma viagem de resgates culturais, tecnológicos, sociais e principalmente de conceitos ambientais.

Em nossa infância na fazenda de Goiás, vivenciei um mundo que me transferia o otimismo de uma nova era, desenvolvimentista, de industrialização acelerada e extremo otimismo nacional. Criança ainda, provei a experiência inédita de passar temporadas em Brasília, capital ainda em construção mas já em funcionamento. Meus avós se transferiram do Rio de Janeiro logo no início funcional da nova capital. Meu avô então nomeado diretor do Hospital de Base de Brasília, tratou logo de adquirir terras bem próximas ao Distrito Federal. A região ainda era bem selvagem, me lembro, mas nesta aventura peculiar de se transferir uma capital federal inteira, com todas as necessidades de uma cidade de grande porte, arrastando consigo também uma massa de pessoas de

interesses diversos, permitiu também presenciar um mundo construído pela visão de domínio e usufruto do Homem sobre a Natureza. Conheci pessoas dos tipos mais diferentes, burocratas, doutores, trabalhadores da construção civil, comerciantes, agricultores, religiosos das mais diferentes crenças, vindos de diversos lugares e atraídos por esta inédita aventura coletiva. A relação desta massa humana com este novo ambiente, com este novo lar, penso eu, foi de exploração desmedida com mais erros do que acertos. Era um momento em que a humanidade pouco falava sobre o esgotamento dos recursos naturais, e era inadmissível que pudéssemos um dia nos ver privados da matéria prima entendida como abundante e a disposição.

Participamos de um tempo em que a Natureza se viu tratada como que a disposição do Homem, para desta se servir despreocupadamente. Esta postura hoje já é condenada por muitos, mas ainda persiste.

Imagino o que foi a região de Brasília antes da capital. Meu avô contava da “aridez” da terra, da secura do ar, das árvores retorcidas, das espécies exóticas de plantas e animais. Para habitar ali se supôs, como de hábito, a necessidade de modificação do contexto natural com intervenção para ocupação humana. Tentar dominar o clima, o tempo e o espaço.

Pude acompanhar os assentamentos humanos, o crescimento das aglomerações periféricas ao chamado Plano Piloto, o descontrole habitacional das cidades satélites, a retirada de areia dos rios para provir os empreendimentos do setor de construção, a transformação da terra para cultivos exógenos ao meio e a expansão da pecuária sobre a vegetação de cerrado, dita terra ruim que necessitava de correção.

Os Homens, entre si, conseguiram estabelecer certo equilíbrio organizacional e funcional aos moldes de cidades industrializadas, mas falar de ambiente equilibrado, natureza preservada e compartilhada, esta consciência ainda não estava presente. O mundo era muito grande até onde se enxergava. Guardo ainda uma imagem muito forte, da antiga moradia de meus avós na cidade, em madeira suspensa do chão na famosa “velhacap”, e me recordo do dia em que a comunidade se reunia para desentocar os ratos que se proliferavam de forma descontrolada. Saíam tantos e de tal tamanho que até os gatos se amedrontavam. Chegavam às centenas.

O grande lago, as quadras, os assentamentos, as vias e rodovias, não há dúvida que a intervenção humana solicitou a adequação ao ambiente, e este, o ambiente, necessitou se transformar também de acordo com as condições impostas.



Fonte: Arquivo Público do DF. Autor: sem identificação. Digitalização: Augusto Azeal

Figura 2. Foto de autor desconhecido mostrando ao início da construção de Brasília. Percebe-se ainda a aridez e presença forte das características geográficas do cerrado envolvendo a ordem construtiva implantada.

Mas conheci também outro ambiente repleto de vida. Nas terras adquiridas por meu avô, no município de Alexânia a uns 80 km da capital, vivemos uma comunhão com a natureza pouquíssima agredida, quase sem vestígios da ação do homem. Ficava perplexo com a exuberância das chuvas, das águas, da vida vegetal e animal. Os moradores da localidade viviam em adequação com as regras climáticas, harmonicamente ambientados e usufruindo o que a terra oferecia generosamente. Quase que isolados.

Nesta fazenda pude observar pela primeira vez a confecção de uma casa de adobe. *Seu Percílio*, morador local, utilizou-se apenas dos recursos locais para construir numa antiga casa de taipa, 14 cômodos para acomodar a grande família. Fez tudo sozinho, desde a base de pedra, o preparo do barro, a confecção de tijolos até a construção. Fez serviços de marcenaria, carpintaria, pedreiro e pintor, tudo com as ferramentas locais e sem energia elétrica. Fiquei deslumbrado. Como um homem que vivia isolado do mundo, habitando uma taperinha feita com folhagens, sapê e bambu, como este homenzinho franzino acumulava tantos conhecimentos para construir aquele “casarão”? E tão próximo a vida desta figura fantástica, erguia-se uma capital federal inteira com o que havia de tecnologias de construção mais sofisticadas na época... E por que com toda esta capacidade e conhecimento construtivo, preferia ainda morar na taperinha?

Quando cheguei às montanhas de Itamonte-MG, reencontrei dualidades semelhantes, e tive novamente a oportunidade de compartilhar aquelas sensações curiosas vividas na infância de Brasília. Um retorno ao confronto do campo e da cidade.



Figuras 3 e 4. A família defronte a obra de ampliação da casa principal feita em adobe por seu Percilio (a esquerda), e casa principal terminada com os avós na fachada (direita).

1º. Contato com o local

A chegada ao bairro do Monteiro em Itamonte foi marcada por uma sensação de embriaguez pela exuberância da paisagem, combinada com o impacto pela necessidade de propor uma intervenção construtiva naquele local. Procuramos conhecer as pessoas na redondeza que detinham experiência em obra. Confesso que a visão que tinha de construção não era a mais adequada para as características da localidade. Raramente os profissionais da construção têm percepção de como atuar sem agredir o equilíbrio estabelecido nas áreas rurais. As escolas de arquitetura, assim como quase todas as universidades, são localizadas em centros urbanos, e conseqüentemente tratam dos problemas urbanos com a proximidade e vivência já adquirida nesta área. Os moradores da área rural invariavelmente são compelidos a se deslocar para estes centros urbanos a fim de se moldarem ao sistema de aprendizado vigente. Pouco se aproveita das experiências rurais para enriquecimento deste ensino e contribuição para o conhecimento geral. Normalmente estes moradores rurais são envolvidos pela vivencia urbana e se tiverem oportunidades não regressam ao campo. A postura do homem da cidade, no qual se inclui o arquiteto, quase sempre é tentar trazer o seu universo particular urbano para o ambiente rural, e este equívoco para ser corrigido talvez requeira um tempo de convívio com este contexto rural.



Figura 5. Bairro do Monteiro na serra da Mantiqueira

Encontramos alguns construtores que, inicialmente na minha visão de homem urbano, não estavam qualificados para tal empreitada. Seja pelo tempo de serviço solicitado, ou seja, por imaginarmos a incapacidade de corresponder ao modelo construtivo planejado. Fiquei preocupado com o fato de estar parte do tempo ausente da obra e a leitura da linguagem técnica desenhada nas pranchas do projeto não serem entendidas. Achei que isto causaria danos ao projeto.

O projeto proposto contemplava uma residência com 9 dormitórios e cômodos de diversas funções. Um programa característico de moradia para temporadas com espaços com claras características do modo de viver na cidade. Ao mesmo tempo em que íamos avançando no planejamento da tal obra, fui analisando com mais cuidados os aspectos próprios do lugar. A tipologia das construções, os hábitos alimentares, as relações sociais e principalmente a relação com o meio ambiente.

Esta região de montanhas da serra da Mantiqueira viveu por três séculos na presença de moradores que fizeram da terra seu sustento. Foi passagem de bandeirantes no séc.XVII que ali fixaram alguns povoados, viveu a corrida do ouro tanto na sua exploração inicial como rota de escoamento do minério para os portos reais de Parati e Angra dos Reis.

Passou pela fase do café e no momento ainda vive da criação bovina com produção leiteira. A presença de proprietários com permanência momentânea, e que fazem da propriedade o uso para lazer, é um fato novo e muito recente ao local. A contraposição das atividades e interesses da nova comunidade reflete também no objeto simbólico mais impactante no bairro. A moradia.

O choque cultural que isto evidenciou na harmonia local, resultou também na transformação dos métodos e processos construtivos atualmente utilizados.



Figura 6.
Fundos da casa de D. Alice no bairro Monteiro. A imagem ressalta a construção tradicional em taipa de mão e chão de terra batida com a presença de elementos relativamente recentes como telha ondulada de zinco e aquecedor a lenha



Figura 7.
Parelha de bois em técnica de manejo ainda muito utilizada, tanto para arados quanto serviços pesados. A topografia acidentada não pode prescindir destes.

Lembro bem da casinha do Alairton, um construtor local muito tímido, que foi preterido para construir esta obra, mas que tinha uma delicadeza no trato com as pessoas, refletida também no trato com os materiais de construção típicos da região. Posteriormente vim a reencontrá-lo numa outra obra.

A casa grande dos primos iniciou-se com um empreiteiro da área urbana de Itamonte-MG, chamado Silvério, mas que mantinha ótima relação com os moradores rurais. A maior parte dos trabalhadores eram naturalmente locais.

Houve num primeiro momento uma dificuldade na linguagem e na comunicação no que diz respeito ao projeto e as ações técnicas. O entendimento dos procedimentos técnicos construtivos passa pelo entendimento do que está sendo proposto, e a linguagem de comunicação para este entendimento deve ser buscada conjuntamente entre arquiteto, proprietário e construtores. Lembrei posteriormente deste fato no trabalho de mestrado lendo a obra do arquiteto Hassan Fathy em que ele relata o processo de transformação da linguagem e das técnicas construtivas após o surgimento do desenho arquitetônico.

Aos poucos percebi a necessidade de um acompanhamento mais próximo aos operários. A riqueza de conhecimento dos construtores locais podia ser muito melhor aproveitada com uma comunicação mais clara, que se aproximasse do modo local, e disso tirar proveito para aprimoramentos e busca de soluções construtivas. Os desenhos gradativamente foram se transformando em perspectivas e detalhes, com espaços para observações, que permitiram a participação e questionamentos dos operários. Incluímos também, por hábito metodológico do LILD, pequenos modelos volumétricos que ganharam envolvimento e admiração dos trabalhadores, além de muita confiança no serviço a ser executado.

Nesta obra pude conhecer um rapaz de 18 anos chamado Geovani, que pediu para acompanhar os serviços trabalhando de ajudante. Muito educado e tímido também, este rapaz registrava tudo o que aprendia. Observava muito, todos os serviços, mesmo sem nenhuma qualificação de desenhista técnico, ao seu modo memorizava e passava horas analisando os detalhes e desenhos concebidos. Geovani ao fim desta obra continuou com Silvério construindo um grande hotel na cidade de Passa Quatro - MG, para novamente retornar, agora como construtor, na execução da obra da casa de meus pais.

Durante a obra “dos primos”, fui percebendo também a diferença de se trabalhar com os moradores locais em contraste com os trabalhadores da cidade.

Os trabalhadores do campo, no caso o bairro do Monteiro, são proprietários rurais também, e sua relação empregatícia na obra é quase sempre temporária. A estrutura das famílias permite que enquanto um membro da família está cuidando da terra outro possa prestar serviços à comunidade. Seja como voluntário, o que é muito comum, seja como empregado para um serviço. O fato é que as pessoas que trabalhavam comigo não podiam se chamar de profissionais, embora soubessem muito bem executar tais funções. O conhecimento adquirido ao longo dos anos, pela tradição de família, ainda

permite a estes moradores a autonomia necessária para manter suas propriedades e executar serviços, sejam para si ou para outros, das mais variadas espécies. A relação destes com o trabalho raramente é de subserviência, mas de muito respeito para com os empregadores. O valor monetário dos serviços na área rural é muito inferior ao dos centros urbanos maiores, porém o trabalhador rural se mostrou mais bem preparado para os serviços, com capacidade de adaptação muito maior às novas técnicas e aos imprevistos. Demonstraram também grande autonomia, tanto para criar soluções técnicas como para deslocamentos necessários para feitura dos serviços. Conhecem o ambiente em que vivem.

A distância dos centros urbanos permitiu que diversas famílias que se mantiveram afastadas resguardassem certas tradições e proporcionou a estes moradores conhecer melhor o manejo de diversas técnicas artesanais. Conhecem as técnicas de fiar e tecer tecidos, de tramas com bambus, de tingimento com pigmentos naturais, de manejo com animais para produção de derivados de leite, carne e mel, de cultivos diversos e de construção para abrigos de diversos fins. Estes conhecimentos, forçados pela necessidade e pela sobrevivência, reverteram ao mesmo tempo em condição de autonomia e independência da comunidade. Ao longo do tempo, com uma aproximação maior das atividades da cidade e o acesso aos veículos atuais de comunicação, percebeu-se que o apelo desenvolvimentista enfraqueceu a comunidade. Vários jovens foram atraídos para cidade para trabalhar em uma indústria leiteira, e a busca por um ensino mais aprofundado afastaram alguns dos futuros herdeiros da terra de origem. As técnicas construtivas passaram a sofrer direta influência dos materiais oferecidos pelo mercado, e com a conseqüente dependência dos métodos de uso, de sistemas construtivos mais complexos e de ferramentas específicas.

A influência deste mundo urbano, repleto de “facilidades”, de novidades de objetos atraentes e com grande apelo visual, aos poucos vai fazendo parte do cotidiano destes moradores. Mídias em geral, em especial a televisão, oferecem a estas pessoas uma conexão imediata com um mundo que até então era inimaginável. Em duas décadas uma comunidade que manteve hábitos de dois séculos passados se confronta com a possibilidade de todos os dias participar de uma sociedade de comunicação virtual. Acompanham novelas, jornais, filmes, e muitas vezes se percebem representados por personagens ou em documentários. Almejam também o que chamamos de “Status”, uma presença mais ativa e participante neste contexto maior. Ser reconhecido como parte

desta sociedade é uma meta de grande parte destes moradores. Os chapéus de palha, que ainda se encontram na lida diária do campo, vêm sendo substituídos rapidamente pelos chapéus de feltro em estilo cow-boy americano, tal como encontram nos ídolos da música e da televisão. O apelo ao consumo, antes restrito ao necessário, conquista boa parte do tempo e da energia oferecida por estes habitantes.

O “saber” da construção conseqüentemente está envolvido por este novo contexto. A tradição construtiva vem sendo aos poucos, e sempre que possível substituída por outras técnicas, que vendem muito bem idéia da rapidez e facilidade técnica em troca da dependência de seus sistemas construtivos. O custo desta facilidade é exatamente aquele tempo e energia despendidos para ganhar recursos para consumo. A troca, se podemos dizer assim, é da autonomia pela dependência facilitada.

Os jovens que deixam a propriedade da família para estudarem ou trabalharem em empregos de carteira assinada, não podem mais dispor desta autonomia para se manterem independentes. Estão à mercê da aquisição de bens garantida pela sorte de se manterem em empregos estáveis. Dependem assim não só do patrão, mas também das decisões políticas, pois estas definem em poucos minutos o fim ou o surgimento de novos postos de trabalho.

Foi o caso do fechamento da empresa Parmalat, que atraiu grande parte dos jovens moradores rurais para a cidade. Esta empresa se manteve por muitos anos como um símbolo de prosperidade, e num dado momento pelo aceno de outro município, em outro estado federativo, de diminuição de impostos, se transferiu com a mesma rapidez que havia se instalado. Deixou para trás um contingente de desesperados dependentes, que, ou conseguiram um subemprego, ou se mudaram para mais longe, ou se degradaram pela cidade. Raros os casos de quem pôde retornar a terra. Muitos destes que tinham propriedades, já as tinham vendido, iludidos por uma vida de um suposto “maior reconhecimento” social.

Quanto aos mais antigos moradores, estes ainda conservam as práticas e os conhecimentos que garantiram a autonomia de suas famílias por longo tempo. Sabem conscientemente da necessidade de se manter esta autonomia, e intuitivamente de como proceder no manejo das ferramentas e dos materiais adquiridos no local. Por muito tempo viveram e trabalharam compartilhando esforços e se auxiliando mutuamente. Conheceram a independência de ações, mas também a cooperação de esforços para melhorar a produtividade dos serviços da comunidade. A construção das moradias e dos abrigos em geral

sempre foram eventos enfáticos desta prática. Algumas técnicas como o pau-a-pique, propiciaram o encontro da comunidade, de tal modo, que no bairro do Monteiro assim como em várias localidades, que se transforma num pretexto para organizarem festas e comilança.

A obra dos “primos” durou uns dois anos, sendo concebida em três etapas. Surpreendeu-me neste período a competência com que foram feitos os serviços. O bom acabamento e a técnica são uma questão de honra e se tornam também motivos de orgulho entre os trabalhadores. Não se impressionam com a ansiedade e a pressa advindas do ritmo urbano. O tempo deve ser o adequado ao melhor serviço, e não o oposto.

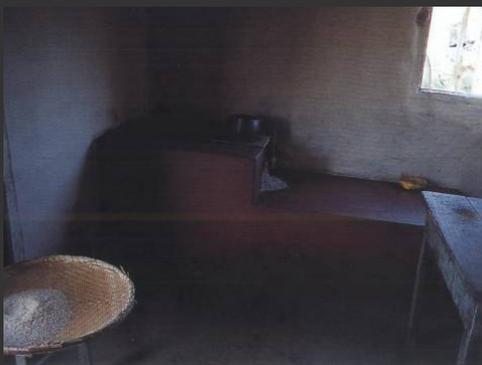
Outra surpresa foi a facilidade com que se adequaram às linguagens técnicas para execução dos serviços. Como disse anteriormente os desenhos técnicos, as plantas, as fachadas, eram entendidas até certo ponto. A linguagem universal do desenho só consegue estabelecer comunicação eficiente quando vem carregada de simbologias conhecidas e referências comuns aos interlocutores. O excesso de elementos gráficos, imagens sem referências humanas, códigos particulares além de não contribuírem, prejudicam excessivamente o entendimento do processo construtivo. A ausência de hierarquização na comunicação foi a maior contribuição que percebemos nos documentos orientadores da obra. A conversa com os operários só se mostrou eficiente quando encontramos mutuamente os elementos comuns de comunicação, sem que para isso fosse necessário impor um modelo formalizado pelo ensino acadêmico. Os modelos tridimensionais neste processo de comunicação surgiram naturalmente como o melhor veículo de conversação e buscas de soluções quando necessárias.

Durante o período que mantive o acompanhamento dos serviços da obra, cerca de quatro dias por semana, pude conhecer melhor os moradores do bairro, seus hábitos e necessidades. Alguns dos hábitos, como cozinhar em fogão a lenha, eu mesmo incorporei. Pude por intermédio de um dos moradores, o senhor “Zé da Mata”, adquirir uma propriedade, e assim consolidar este convívio com a vida no campo.

Observei neste período as construções e moradias dos moradores mais antigos. Pude compartilhar refeições, festas, reformas, e estes momentos ficaram registrados como um contraste exemplar em relação ao que eu estava realizando como construção. A intervenção do “caboclo” raramente cria impacto relevante ao ambiente, retira apenas o necessário para uma edificação nunca além de 100m².

A primeira observação, e talvez a mais relevante, é de que a casa rural gira em torno da cozinha. Sendo mais preciso, gira ao redor do fogão de lenha, que é o elemento mais emblemático de qualquer moradia que queira se dizer mineira. É na cozinha, e ao redor do fogão que as famílias crescem, comem, conversam, “quentam” o corpo, e mantêm acesa a rotina diária dos afazeres da casa. Na cozinha é que se encontra, quase sempre, a única mesa da casa, onde ficam as cadeiras que recebem as visitas, que está sempre a serviço das refeições, das conversas, dos trabalhos e estudos, e pode-se considerar o objeto mais solicitado da casa depois do fogão. Neste espaço onde se armazenam os alimentos, é que as crianças fazem suas lições enquanto a mãe cuida da comida. Sobre o fogão se coloca um varal com hastes de madeira no qual se penduram linguiças, tocinho, carne para secar e defumar, ervas. As panelas são extremamente areadas, sempre reluzentes, motivo de orgulho da dona da casa. O fogão feito de taipa se mantém limpo com a constante e diária aplicação de tabatinga. Na cozinha também encontramos uma bancada com pia, e atualmente, um fogão industrializado que auxilia e agiliza o serviço da culinária. As cadeiras são muito simples e se revezam com bancos em formato de “cocho” para acomodar as pessoas. É o centro magnético e de encontro da família.

Ao mesmo tempo em que centraliza as atividades, a cozinha se torna também um espaço quase de passagem obrigatória para outros cômodos.



Figuras 8, 9 e 10.
Típicas cozinhas da região com banquinho tipo “cocho”.
Simplicidade na disposição e no uso de materiais.

Muitas casas não possuem sala, pois encontram na cozinha o espaço generoso e suficientemente adequado para o encontro da família e dos visitantes. As que a possuem pouco a utilizam como tal, muitas vezes como canto reservado para uma mobília de família, como guarda pertences, ou em algumas situações para reunião mais privativa da família, onde se coloca a televisão. Os dormitórios, na maior parte das vezes ligados diretamente a cozinha, em algumas vezes, são encontrados localizados ao lado deste cômodo privativo. É muito comum também se encontrar um outro dormitório desgarrado acessado ou pelo cômodo de entrada ou pela cozinha. Neles a mobília é austera e escassa. Os dormitórios são de simplicidade extrema e só contém a cama com uma mesinha de apoio e um guarda roupa. Nas paredes quase não encontramos adornos, mas estão sempre presentes o terço, uma imagem religiosa nem sempre emoldurada, uma foto da família ou dos patriarcas, e os objetos de importância como uma espingarda, uma medalha e o chapéu.



Figura 11.
Parede de meia-altura
com medalhas e
fotografia emoldurada

Varanda é algo que nem sempre ocorre, normalmente acontece como complemento e expansão da casa, em outros casos um beiral mais longo já permite um recuo protegido para colocar um banco, sentar e pitar um cigarro. Interessante é a presença dos banheiros, que na casa bandeirista inicial não existia, foi primeiramente agregado como um cômodo separado da casa, chamado popularmente de “casinha”, consistia num abrigo para uma latrina posicionada diretamente sobre a fossa. A função do banho não estava contida no mesmo espaço que o das necessidades básicas, e este acontecia no próprio curso d água, ou num dos cômodos da casa, em pé sobre uma bacia, com canecas e “paninhos” para esfregar. Mais recentemente com os sistemas de canalização o banheiro foi anexado a casa (nas casas mais antigas adaptado), como um apêndice ligado à cozinha. As fossas rasas antes parte da “casinha”, foram em muitos casos substituídas por encanamentos que conduzem os

dejetos a uma fossa comum (quando não é o rio). Nos tempos antigos não havia água encanada também, e, portanto era importante posicionar a casa próxima a um curso d água, de onde se transportava a água em baldes, para o uso da cozinha ou do banho. O aproveitamento do calor do fogão em uma serpentina com boiler de armazenamento, permitiu a inclusão de água quente à moradia, e por isso, o mais econômico e mais eficiente foi aproximar o banheiro do fogão.

Certo dia fomos convidados para um aniversário na casa de D. Rita. Foi combinado que chegaríamos às 19:00 h, tempo de todos já estarem arrumados após a lida no campo. D. Rita recebeu-nos, eu e minha mulher, como convidados de honra, e para tal fomos agraciados com duas cadeiras especialmente separadas para sentarmos e uma colher para cada. A faca era comunitária, e garfo havia dois que até ficaram a nossa disposição, porém faziam parte dos utensílios de preparo do jantar. Na simplicidade do “caboclo” talher é um objeto que tem maior serventia no preparo dos alimentos. Na refeição utiliza-se a colher para comer o que se chama de mistura (arroz, feijão, farinha...). A carne é o que diferencia a refeição, tem caráter especial, e na maior parte das vezes é com as mãos mesmo que se come. A gentileza e a naturalidade com que tratam o alimento anulam a má impressão que eventualmente chamaríamos de maus modos. Foi-nos concedida a honra de servir primeiro, sendo separados discretamente para nós os melhores pedaços. Na verdade a carne é um artigo de luxo que nem sempre se encontra a mesa. No caso da festa de D. Rita ficamos muito comovidos com a deferência, pois é raro serem preparados dois tipos de carne para servir. Rezamos antes, agradecendo a refeição à mesa. A alegria desta reunião se estampava em todos os sorrisos da família, e parecia que o aniversário era de um de nós visitantes. Cortaram um bolo de fubá e serviram aguardente ao som de viola tocada pelo Sr. Zé da Mata. Não ficamos até muito tarde, pois era visível também o cansaço das pessoas que no dia seguinte pegariam cedo no trabalho. Poderiam por gentileza passar a noite em claro, mas seriam incapazes de dizer que precisavam descansar. A generosidade das pessoas desta comunidade é flagrante e o respeito que têm pelos mais velhos também. Os jovens são incapazes de fazer um gesto que contrarie os pais.

Geovani é filho de D. Rita com Sr. Zé da Mata, e foi encaminhado pelo pai para aprender o ofício da construção comigo. Também fazem parte da família D. Maria, Denilton, Patrícia e Deoclécio (Nenê). D. Maria é mãe de D. Rita, e perdeu 11 filhos antes de parir D. Rita no alto da montanha. D. Maria é grande conhecedora de fiação, tear e pigmentação natural de tecidos, principalmente de

lã. Nos tempos idos faziam a própria roupa com a lã tirada das ovelhas. Denilton o filho mais velho veio trabalhar comigo no sítio que compramos e já tem dois filhos com Luciene. Patrícia foi para a cidade, se formou em magistério e assumiu como professora da escolinha do bairro. Nenê auxilia o pai na lida da propriedade e faz o manejo de abelhas para retirada de mel. A produção da propriedade de D. Rita e Zé da Mata se baseia na criação de gado leiteiro, para venda in natura e alguma produção eventual de queijo. As outras atividades são, como todas as outras propriedades, criação de galinhas, patos e porcos para subsistência.

A primeira experiência surpreendente ocorreu exatamente com o filho mais velho, Denilton, que passou a cuidar de nossa pequena propriedade. Com apenas 19 (dezenove) anos, Denilton sem nunca ter construído uma moradia, assumiu a incumbência de erguer um galpão inicial, que nos serviria de pouso eventual. No meio do caminho resolvemos transformá-lo numa casinha com infra-estrutura para habitarmos. Não havia energia elétrica, luz, e para viabilizarmos a construção do abrigo recorreremos às ferramentas manuais, todas dos avós de Denilton. Ferramentas há muito deixadas de lado, mas de grande utilidade neste tipo de situação. Foram utilizadas pua, enxó, trado, traçador, formão, martelo, todas para trabalhar com os materiais disponíveis no local, além do aproveitamento dos materiais que conseguia trazer da cidade, na caçamba de uma picape de passeio. Fizemos uma base de pedra encontradas no local, e com a curiosidade de ter observado tantas construções, Denilton partiu para assentar suas primeiras carreiras de tijolo, e para seu primeiro traço de argamassa com cimento. Não ficaram lá para ele muito boas as carreiras, para mim já o suficiente. A persistência em aprimorar este fazer, esta técnica, me fez apreciar o primeiro momento surpreendente. A exigência pessoal com o capricho, a obstinação em chegar ao ideal o fez derrubar a primeira experiência construtiva, limpar todos os tijolos e refazer até ficar do agrado. Perdeu o fim de semana. Todo prego se reaproveitava, todo pedaço de pau tinha serventia. No mundo que estes parceiros vivem não se dá espaço para desperdícios. Sobreviveram desde os colonizadores fazendo uso de cada material disponível. Descer a serra para comprar utensílios é um tempo que se perde e muitas vezes uma dúvida de encontrar o que se precisa. Aprenderam, portanto a resolver com o que têm à mão. Madeira foi o material mais fácil de encontrar e trabalhar. Fiquei muito atento para que só se utilizasse eucaliptos, exóticos no país, plantados especificamente para os fins construtivos. Das espécies nativas conheci madeiras excelentes, e aproveitamos o que já estava tombado, ou no

máximo galhos que não comprometessem a árvore. Guatambu, cedro, pinho, gameleira, e a surpreendente candeia por sua resistência às intempéries, foram aproveitadas. Boa parte do ferramental, naturalmente, estava adequado à técnicas de utilização e aproveitamento da madeira. Telhas usadas são muito negociadas na região, e muitas vezes são barganhadas em trocas por outra mercadoria ou animais. Pregos, tijolos e cimento, tivemos que comprar na cidade, e foi aí que percebi o quão dependente os sistemas construtivos tornam o homem. Se o sistema escolhido prescindir de materiais encontrados no mercado, o custo para o morador rural se torna muito mais caro. Transportar, carregar, esperar o tempo estar firme, enfim, condicionantes limitadores e de dependência.



Figura 12.
Denilton montando
estrutura do telhado de
nosso abrigo.

As técnicas de manejo com os materiais vivenciados por Denilton desde criança, seja para preparar roçados, ordenhas, cultivo, armazenamento de produtos, arreios, todas permitiram desenvolver habilidades e raciocínio que o capacitam a exercer diversas atividades produtivas, inclusive a construção. O mito que se formou sobre a capacidade de construção, se desfez antes mesmo que fosse entendida por este jovem agricultor. O que o permitiu levar ao cabo toda esta empreitada foi a formação em técnicas de manejo com os materiais conhecidos no local, o desprendimento com uma legitimidade profissional e a persistência em conhecer cada vez mais seus próprios limites de construção. Preparar encaixes de madeira utilizando um serrote e uma enxó, foi como converter a montagem uma cerca ou a feitura de um paiol, transformados em uma estrutura de moradia. Ferrar cavalos, trançar balaies, rebocar um curral, todos gestuais determinantes para converterem técnicas de atividades distintas em outro fazer. Uma habilidade que habilita a transformação do objeto planejado a partir de uma formação gestual conquistada com vivência e com o tempo.

Deste modo, um conjunto de diferentes fazeres técnicos se organiza como um repositório de vários saberes e experimentações, para juntos caracterizarem um único objeto: a casa.

Trocar informações, argumentar, experimentar materiais e técnicas novas, ousar em propor soluções inusitadas, foram posturas reveladoras da riqueza cultural e do caráter humano percebidos em Denilton, e normalmente encontradas no campo. Um rapaz que nunca havia construído uma casa fez praticamente sozinho a moradia que me instalo até hoje, apenas com orientações esporádicas de mês a mês.

Terminada esta construção voltei minha atenção para as dificuldades de se obter os materiais, que anteriormente revelei, comercializados e vindos da cidade. Procurei conhecer mais a fundo as alternativas e as soluções encontradas pelos antigos moradores. No tempo que não havia veículos motores. As técnicas utilizadas eram as de taipa de pilão, taipa de mão e adobe, hoje só encontradas em construções funcionais como paióis, depósitos, currais, e algumas poucas moradias. Normalmente com pouco apreço e zelo técnico. Por que tal conhecimento foi sendo desvalorizado?

Começa aqui todo meu interesse nas técnicas construtivas tradicionais. O conhecimento sobre estas técnicas que procurei aprofundar, desencadeou na pesquisa de mestrado e num envolvimento cada vez maior de construções em que viria a aplicar e experimentar estas mesmas técnicas. Iniciei uma série de ensaios e experimentos pessoais, mas o entendimento mais relevante sobre este assunto só veio a ocorrer no momento em que percebi a grande riqueza advinda destes saberes: a participação coletiva. Embora possam ser técnicas utilizadas individualmente, estes fazeres são essencialmente coletivos. São momentos em que o aprendizado abraça moços, velhos, mulheres e crianças. Fazeres em que todos podem participar.



Figuras 13, 14, 15 e 16.
Dispositivo experimental da pesquisa de mestrado, confeccionado no campo por Denilton utilizando conhecimentos de taipa e tramado.

Fizemos para conclusão do mestrado uma construção com técnica de pau a pique (taipa de mão) e com teto de grama, anexa à minha própria casinha. Foi um evento em que recebemos vários moradores voluntários da região, e oferecemos como de costume uma festa comemorativa do chamado “barreado”. Foi realmente um evento marcante. A estrutura de bambu previamente tramada por Denilton foi preparada para a chegada do grupo. Homens revezavam entre pisotear o barro enquanto outros arremessavam pelotas até que as paredes foram sendo preenchidas. Os mais velhos transmitiam conhecimentos e informações aos mais jovens. Foi-se resgatando também a memória de procedimentos técnicos e outros gestuais incorporados no passado, para auxílio e aprimoramento da construção. Participamos também nós moradores de fora, urbanos, deste momento revelador. As mulheres participando principalmente no preparo do feijão tropeiro, da cachaça e do doce de abóbora, enquanto os homens em sua maioria cantavam versos antigos lembrados pelo ritual.



Figura 17. Momento de descanso e refeição no dia do barreado

Após este evento surgiram outras oportunidades de vivenciarmos mais experiências construtivas. Seguiu-se a obra de meus pais, que ainda desconfiados dos experimentos que vínhamos realizando, decidiram investir numa obra de tijolos cozidos convencionais. Porém foi a oportunidade de reencontrar Geovani novamente para executar o serviço em junho de 2002. O fato de ser uma obra nos padrões comuns do ambiente urbano, onde o material

é adquirido comercialmente, não eliminou a natureza dos construtores locais, em sua inventividade e adaptabilidade aos materiais e condicionantes do ambiente já tão conhecido. Neste meio tempo Geovani havia partido para a cidade próxima de Passa Quatro, chamado pelo empreiteiro Silvério como pedreiro na construção de um grande hotel. Foi uma nova experiência para este jovem de agora quase vinte anos. A mesma simplicidade e a mesma capacidade criativa. Embora parcialmente instruídos nas letras, tinha uma capacidade de compreensão técnica fantástica. Podia não conhecer os códigos da linguagem técnica, mas visualizava perfeitamente um detalhe. Argumentava e opinava sem constrangimento em associações gráficas das perspectivas que lhe desenhava com as plantas, cortes e fachadas. Havia aprendido de alguma forma a estabelecer esta relação cognitiva. Ao mesmo tempo Geovani também ansiava em saber mais, tanto dos códigos de linguagens quanto de informações e procedimentos técnicos.

É muito comum ser seduzido por folhetos, folders e anúncios de novos materiais, e invariavelmente me via na necessidade de segurar seu ímpeto em substituir um material disponível e eficiente no local, por um anunciado na loja da cidade. Vejo nisso muito mais uma curiosidade no desconhecido do que uma consciente substituição e desvalorização do material natural. O fator preocupante é quando este jovem se reconhece como um dito “profissional” e busca de todas as formas assegurar a qualidade de serviços exigida pelo mercado de trabalho que acaba se inserindo. Aí realmente seus valores podem estar em processo de substituição e não de complementação.

De qualquer maneira esta obra de meus pais pôde acrescentar uma série de novos conhecimentos técnicos muito interessantes para consorciar com outros mais tradicionais.



Figura 18.
Geovani atualmente com
o filho Jonata e o
sobrinho Leo

A casa de adobe no Paiol de Cima

Em seguida em março de 2003, uma outra obra, agora de um vizinho que solicitou a construção de uma residência no bairro Paiol de Cima, pude estabelecer um projeto inteiramente voltado para aplicação dos conhecimentos das técnicas tradicionais.

Assim como em outras obras anteriores, começaríamos pela base e telhado, este apoiado sobre estrutura independente. A estratégia pensada para o local, visava aproveitar melhor o período de chuvas para ter campo e condições de trabalho, além de proteger o grande tesouro de investigação deste projeto: os tijolos de adobe. Escolhi novamente o Geovani para comandar os serviços.



Figuras 19, 20, 21 e 22. Diferentes etapas da construção da casa de adobe do Paiol de Cima

Planejamos iniciar a confecção dos blocos nos meses de tempo seco, concomitante com a chegada das peças estruturais de eucalipto autoclavado e com as fundações e bases, que seriam de pedra encontradas na área. Aproveita-se assim o período de pouca chuva para preparar os blocos e erguer o telhado para estocá-los embaixo. O período de chuvas na região é muito intenso e prejudica demais o acesso à cidade. Muitas vezes chegamos a ficar isolados.

A mão de obra foi escolhida para aproveitar somente as pessoas do local, tanto para incluirmos o saber dos mais antigos quanto para observarmos a transferência de conhecimento para os mais novos. Era muito comum recebermos visitas de pessoas da redondeza, curiosas e orgulhosas da própria cultura materializada nesta casa grande.

Pensamos em evitar o máximo o uso de transportes da cidade para trazer materiais como cimento e areia, a idéia era aproveitar ao máximo os materiais encontrados por lá. Testamos o barro para possível uso em taipa de mão ou adobe. Pelos experimentos percebeu-se o melhor aproveitamento para tijolos de adobe, pois a característica do solo apresentou um percentual de argila e areia mais adequado. A confecção dos tijolos iniciou com “Bói”, um antigo morador que retornou da cidade só para este fim, e envolveu os outros mais novos na prática. Os sete trabalhadores iniciais da obra participaram e produziram tijolos de adobe. Alguns revelaram ter revivido uma experiência que ficou na infância. Produziu-se o necessário, retirado das valas preparadas para as fundações, da fossa e da piscina. O material não aproveitado retornava ao terreno, e quando se precisava de mais tijolos fazia-se somente o necessário. Montou-se a estrutura total de madeira e cobriu-se o telhado. Enquanto não se erguiam as paredes o ceticismo ainda povoava a mente dos trabalhadores. Porque não fazer com tijolo “comum”, tão mais rápido e fácil? É garantido! Diziam. O que me movia era o fato de que a perda destas informações pode levar não só ao fim de muitos dados e informações culturais importantes, como a ameaça inconsciente da dependência técnica.

Dados científicos conhecidos pelo trabalho anterior de mestrado, amenizaram muito as dúvidas dos operários. Auxiliado pelo depoimento dos moradores mais antigos, experimentamos aos poucos as qualidades térmicas, de equilíbrio da umidade e do conforto proporcionado pelo material empregado. Mas a alegria deles se deu mesmo ao ver o quão resistente se tornou uma parede feita com a terra que inicialmente se desprendia dos dedos. E que fácil foi então amarrar as paredes com a estrutura de eucalipto independente. Neste sistema absorvemos princípios modernistas com ensinamentos tradicionais.



Figura 23. Detalhe da estrutura independente em eucalipto com alvenaria de adobe

Estando a estrutura da casa livre, os fechamentos de tijolo puderam ser construídos com um mínimo de perda, além de eliminar qualquer possibilidade de trincas vindas do apoio do telhado. O ânimo e orgulho tomaram conta dos trabalhadores e do futuro morador. Foi mais rápido que imaginavam. Neste momento também investiram em experimentações. Variações de acabamento do reboco, diferentes traços de argamassa, detalhes de encontro da madeira com vidro e com o adobe, enfim uma participação coletiva e um compartilhar descobertas. Até a pintura recebeu o pigmento com adição de terra na base pva (quimicamente inerte). Pensamos na técnica antiga de caiação, mas o cliente se mostrou animado com as variadas tonalidades e cores conseguidas. A opção foi este acabamento conseguido pelos operários, com um material que além de inerte, também respira. A pedido do proprietário, em um dos cômodos deixamos à mostra os tijolos, apenas com uma proteção de óleo de linhaça com leite, técnica também tradicional.

Foi um passo para mostrarmos que é possível erguer uma ótima moradia com recursos próprios e sabedoria preservada.

As solicitações urbanas no campo. Os profissionais e os artesãos no mesmo espaço

Outro vizinho, proprietário residente no Rio de Janeiro, investiu em um outro projeto de grandes proporções, no bairro Cachoeirinha, também aderindo à utilização de mão de obra e saberes locais. Mesmo com uma série de intervenções externas ao local, com inserções técnicas em equipamentos e materiais industrializados, esta obra produziu uma afirmação dos conceitos de conforto ambiental e aproveitamento dos saberes e cultura tradicional.

Nesta obra de julho de 2004, Geovani também assumiu o comando dos serviços, porém teve de dividir diversas responsabilidades com outros profissionais, dado o tamanho da obra. Acredito ter sido o processo mais sofrido para o jovem mestre de obras, pois se viu cobrado, questionado por companheiros, e com responsabilidades muito grandes para a pouca idade. Novamente a formação e o caráter deste jovem sobressaíram, e mesmo com diversas dificuldades encontradas mostrou-se extremamente competente e capacitado para o desafio.

Esta obra apresentou uma singularidade interessantíssima para meu trabalho: a participação conjunta de dois tipos de trabalhadores: os chamados técnicos profissionais e os artesãos.

Pela dimensão do programa solicitado de espaço construído, pela comentada pressão imposta pelo proprietário, uniram-se na obra entre diversos tipos de operários, dois grupos distintos de trabalhadores. Os profissionais da cidade e os artesãos do campo rural. Até então Geovani havia experimentado o método de trabalho profissionalizante, com procedimentos empresariais na obra do hotel de Passa Quatro, e a experiência de retorno a métodos mais artesanais como na Casa de adobe. Cada processo de construção estabelecia ritmos distintos de ação, e exigências diferenciadas. Agora na Residência da Cachoeirinha estava comandando dois grupos de trabalhadores com formas distintas de atuar.

O grupo dos chamados profissionais vindos da cidade, estabeleceram logo os mesmos procedimentos adquiridos no contexto de origem. Com atitude individualista, hábitos alimentares, vestimentas, equipamentos e horários se distinguiram. O comprometimento com os serviços também, pois era muito comum faltar pouco para terminar um trabalho e este ser complementado de maneira negligente e mal acabada para gozar do descanso, ou do retorno à cidade. Seus prazos e pagamentos estavam pré-determinados. A preocupação focava principalmente o pragmatismo de ter uma tarefa cumprida no prazo

designado, seja da forma como for. Tornou-se muito corriqueiro corrigir serviços por pressa de acabar. Outra observação é a de que se um serviço solicitado não estiver aos moldes do conhecimento padronizado do profissional, este o trata ou como impossível ou como equivocado, tentando sempre adaptá-lo ao seu modo de trabalho. O desejo de investigar, de experimentar, de propor alternativas praticamente não ocorre. O hábito da produção padronizada, metodicamente pontuada e tecnicamente aprendida, dificulta o enriquecimento e um novo aprendizado. Geovani conheceu este procedimento na obra do hotel, um modelo que se consolidou em se garantir no desenvolvimento tecnológico de novos materiais, sedutores em sua propaganda, que diminui parte da responsabilidade do profissional. Se algum imprevisto negativo ocorrer, o material normalmente se torna o primeiro culpado.

Geovani também acompanhava o grupo de artesãos, alguns pretendentes a profissionais, com hábitos incorporados ao dia no campo, horários de lavrador, com hora do café da tarde, com ritmo aparentemente mais lento, com zelo por seu serviço, e vínculo empregatício temporário. Trabalham nas obras como complemento da renda de suas propriedades, e sua preocupação maior é com a entrega de um serviço bem feito, mesmo que demande mais tempo. Muitas vezes ocorreu de um serviço mal feito por um profissional da cidade ser terminado por um dos trabalhadores rurais com o intuito de não comprometer e ser confundido com o seu próprio serviço. Geovani vivia a consertar, o que em dado momento se tornou uma complementação remunerada pelo próprio profissional responsável com pressa de ir embora. O trabalhador do campo tem seu tempo normalmente envolvido com o aprendizado numa relação de constante solidariedade coletiva.



Figura 24.
Confraternização de operários na festa da cumeeira. Esta festa é realizada no dia em que se termina o telhado.

A obra da casa da cachoeirinha conviveu com um eterno rodízio de trabalhadores, tanto dos ditos profissionais não muito qualificados, como dos homens do campo que ou terminavam sua empreitada e voltavam para lida em

sua propriedade, ou mesmo os que se recusaram a continuar por se sentirem incomodados pelo ritmo urbano em plena área rural.

Um fato curioso ocorreu durante esta obra, enquanto a grande casa ia sendo erguida, pelo mesmo método que a “Casa de Adobe” no Paiol de Cima, uma outra construção, a residência de caseiros, era construída com urgência. Para esta moradia de caseiros fiz um projeto adequado ao contexto do sítio, porém seria executado por uma equipe de fora, de outra área rural. A equipe do “Nego”. Com o ambiente de nítida competitividade, a equipe de “Nego” resolveu mostrar que fazia melhor serviço que o grupo da casa grande. Para agradar ao cliente apressado, resolveu modificar o projeto original, substituindo os materiais especificados e mesmo a posição das colunas de sustentação para atingir a meta. Como visito as obras na região em semanas variadas, passei três semanas sem ir a obra, e quando retornei encontrei uma outra configuração da casa. O “Nego” estava orgulhoso do adiantamento da obra e eu profundamente contrariado. Parte do que fez não pode ser revertido, mas o fiz desmanchar boa parte dos serviços para correção. Naturalmente ele terminou com rapidez os serviços, mas cumpriu somente a meta pragmática de ser mais rápido, para se vangloriar perante o outro grupo da casa grande. Foi difícil fazer com que os operários compreendessem que a pressa do cliente não significa abdicar da atenção com a qualidade do serviço. Geovani se deixou envolver também pelo espírito de disputa profissional, e em dado momento teve que retomar a consciência de que estava ali para exercer o melhor do que sabe fazer independente da correria. Mais adiante o próprio Geovani acabou por corrigir e auxiliar o “Nego” em outro serviço.



Figura 25 e 26. Utilização de modelos em escala reduzida como auxiliares do processo construtivo.

Com todo este espírito de aceleração urbana, evidenciaram-se distorções. As condicionantes do campo são normalmente regidas pela natureza, e quando chove por exemplo, o transporte de boa parte dos materiais, e mesmo das pessoas que trabalham, fica comprometido. A sabedoria dos mais antigos ensina acompanhar o ritmo ditado pela natureza, principalmente nos assuntos que dependem dela.



Figuras 27, 28 e 29. Etapas de construção da obra da Cachoeirinha. Também foi utilizado o princípio de estrutura independente em eucalipto e alvenarias de adobe revestido de madeira e tijolinhos.

O Parque

Durante a construção da casa grande da Cachoeirinha, ocorreu um fato que necessita ser relatado. Todos os moradores do bairro em que nos encontramos, o Monteiro, foram informados da possível desapropriação da comunidade por parte do Parque Estadual da Serra do Papagaio. Fomos todos surpreendidos por um decreto estadual que determinava que a área que ocupávamos estava sujeita aos limites de um novo parque ecológico de Minas Gerais. Houve então uma grande mobilização, que gerou reuniões e discussões na comunidade. Neste momento, moradores antigos e novos na região se juntaram para formar uma associação de moradores, a AMABEM, com o intuito de juridicamente fortalecer a comunidade em defesa dos interesses do bairro. Viu-se então o encontro das famílias proprietárias que dependem da terra para

viver, com os proprietários que fazem uso da terra para lazer. Havia, diante disto, dois interesses expostos. De um lado moradores tradicionais preocupadíssimos com uma mudança imposta pelo decreto, com o risco de uma desestruturação familiar e social visto que a indenização sugerida foi uma quantia monetária para que procurassem se estabelecer em outro lugar. Presumivelmente na cidade. De outro lado, moradores com mais recursos que viam na verdade o risco de não serem indenizados adequadamente, e ter seu sonho da vida no campo terminado. As opiniões destes moradores mais recentes e mais abastados eram de que deveríamos nos defender mostrando quanto oneroso seria a indenização, fato que de certa forma ignorava a condição de menor poder de ação financeira dos mais antigos. Os moradores mais antigos e com acesso restrito a estas informações burocráticas e técnicas, se viram na insegurança de ter de confiar em propostas vindas do outro grupo de moradores com realidades bem diferentes. Constituímos um advogado para nos orientar em como proceder.

Minha preocupação se dividiu em ver meus esforços de proprietário ficarem estagnados a espera de decisão definitiva, e ao mesmo tempo com a condição dos amigos vizinhos menos preparados para esta situação. Lembrei-me de um programa sobre Cananéia-SP, que mostrava a permanência da comunidade local no parque, com o argumento de constituírem, os habitantes, um “patrimônio cultural imaterial”. Seus modos peculiares, hábitos, artesanato, enfim, o conhecimento acumulado daquela sociedade foi garantia de manutenção no local. Fomos a Belo Horizonte, eu e o advogado, financiados por um dos vizinhos, a fim de conhecer melhor o processo e argumentar com este precedente.

Os mais antigos ganharam importância, e se sentiam orgulhosíssimos de terem um peso maior em nossa defesa, talvez até de agora dependermos de sua história. Não sabemos o que resultou na nossa conquista, se foi o argumento de patrimônio cultural imaterial ou o impacto de tanta movimentação comunitária. O fato é que desviaram os limites para nos proteger. Quanto a AMABEM, serviu para aproximar as realidades locais, para uma grande festa comum. Foi um belo pretexto para que todos se conhecessem melhor, porém está inativa a espera de outro susto quem sabe.



Figura 30.
Reunião da AMABEM na escolinha do bairro, onde a comunidade local se juntou aos moradores mais recentes para planejar ações ligadas ao parque do Papagaio.

O Falecimento de D. Maria

No dia 13 de fevereiro de 2007, veio a falecer D. Maria, mãe de D. Rita. Faço questão de relatar o fato, pois é emblemático quando o assunto que norteia esta narrativa é o design solidário. D. Maria passou o dia como todos os outros anteriores, auxiliando Rita nos afazeres da casa. Preparava as refeições e cuidava dos pequenos. Segundo relato de D. Rita, neste dia ao cair da tarde, tomou de súbito uma agonia na pressa em preparar a “janta”. Correu mais que o normal para preparar o arroz, e lamentou o feijão ainda não estar pronto. Repetia constantemente frases como: “*vou adiantar a janta*”. A sua tarefa do dia corria o risco de não se completar, comprometendo a alimentação da família. Já sentia D. Maria que algo não ia bem. Presentiu que não haveria tempo suficiente para que as batatas cozinhassem diante da iminência de estar morrendo. Quando viu que não mais era possível chamou o neto Deoclécio e anunciou que achava que estava morrendo. E se lamentou novamente pela última vez: “*ai meu Deus, eles vão ficar com fome!*”. Morreu no colo do neto como um passarinho, segundo D. Rita. Foi um momento de profunda dor e tristeza.

Revelou-se o traço de generosidade e sobrevivência das famílias que dependem do trabalho no campo. O bem estar dos grupos familiares e sociais devem estar garantidos pela solidariedade, que muitas vezes se apresenta num fragmento do cotidiano: um jantar se coloca á frente da própria vida.

Velou-se o corpo na própria casa, à espera da visita dos vizinhos e uma comitiva de parentes e amigos que se estendeu até o dia seguinte. Formou-se um cortejo ao longo dos quinze quilômetros que separam a fazenda do povoado de Campo Redondo berço tradicional da família. Umhas centenas de pessoas também lá esperavam. Seguiu-se posteriormente, agora na residência, uma

novena, um período de nove dias em que os vizinhos vão ‘a casa da família acompanhar e rezar com o terço, orações para tranquilizar e encomendar da alma do morto. rituais que embora tristes, encham de orgulho e conforto os parentes.

A perda da matriarca naturalmente conduziu à um novo papel para D. Rita, passando ao posto de referência familiar antes ocupado por D. Maria. Uma sucessão natural dentro da estrutura familiar da cultura local.



Figura 31.
D. Maria rodeada por
Denilton, eu, D. Rita Zé
da Mata Tereza e
minha mãe Bebel.

O LILD

Durante todos ocorridos nas obras e região, foi ganhando corpo meu envolvimento com o LILD. As pesquisas realizadas no laboratório sob orientação do prof. José Luis Ripper se tornaram base de fundamentação para minhas observações e ações no campo. As experimentações vivenciadas no Monteiro também retornam ao mundo acadêmico, num processo de constante investigação dos materiais, dos objetos e de suas relações com os seres humanos. A busca por métodos construtivos e materiais adequados não só às condições físicas do contexto, mas também às relações humanas decorrentes deste contexto, foram os impulsionadores desta pesquisa. Percebemos no laboratório riqueza cultural e material de certos fazeres como o tijolo de adobe, e percebemos também que em muitos casos há que se buscar melhorias técnicas e de manejos para contribuir, não substituir, com o conhecimento acumulado ao longo da história. No mundo atual, devemos avançar em diminuição de gasto de energia, de custos, proporcionando a inserção social nas ações produtivas. Neste sentido procuramos constituir objetos mais leves, com menor número e quantidade de materiais, e propor técnicas que estejam adequadas à participação do usuário no processo produtivo. A descoberta do fibroso foi consequência deste entendimento.

O desenvolvimento do trabalho de mestrado em meio a este processo permitiu que houvesse uma utilização enfática em dois materiais abundantes e freqüentemente manuseados no campo: a terra e as fibras vegetais. Desta junção de materiais obtivemos, a partir de uma série de experimentos, uma combinação que denominamos fibrosolo. Uma mistura onde as fibras vegetais se misturam em proporções equivalentes ou maiores que o barro, permitindo a confecção de placas, cascas e painéis mais esbeltos. A busca pelo menor gasto de energia, de materiais e conseqüentemente diminuição de peso dos elementos construtivos, garantiu assim a preservação do conhecimento de técnicas e manejos tradicionais, além de aproveitar as propriedades benéficas à saúde do homem propiciadas pelo material nas moradias.

A conseqüência destas investigações, como veremos neste trabalho, procurou falar com mais profundidade das qualidades de respiração deste material, e sua condição de fronteira entre ambientes externo e interno das moradias.

Da replicação de técnicas como o pau-a-pique e o adobe surgiram novas aplicações, que em laboratório se constituíram em sistemas conjugados com outras pesquisas. As estruturas de bambu preparadas em tramados geodésicos, treliças pantográficas e tripés, estruturas tensigritys, redes tensionadas, são elementos construtivos pesquisados no LILD que serviram de suporte para a aplicação deste material.



Figuras 32 e 33.

Aplicação de metodologia do LILD nas quais alunos e laboratoristas confeccionam modelos em escala reduzida e reproduzem o mesmo pensamento em dispositivos experimentais em escalas maiores. Neste processo participam também moradores e pessoas pertencentes ao contexto em que são aplicados os trabalhos.

Podemos dizer que o LILD vem caminhando em busca de um modelo construtivo que una três principais linhas de investigação: as estruturas leves de bambu, as coberturas leves e os fechamentos. As estruturas constituídas de bambu e cabos, hoje são principalmente trabalhadas nas formas curvas dos domus e abóbadas geodésicas. As coberturas leves planejadas para serem associadas aos domus, são normalmente constituídas de tecidos tensionados ou em películas de fibras vegetais com diferentes aplicações. Estas coberturas ganharam grande desenvolvimento apresentadas em forma de “sombrinhas”, com aproveitamento de um princípio estrutural de grande leveza e resistência. Nos fechamentos de proteção que constituam o espaço interno, encontramos este trabalho que usa normalmente as outras estruturas já preparadas como suporte.



Figuras 34, 35 e 36. As três grandes frentes de atuação hoje no LILD

Uma aplicação experimental que podemos considerar um marco para este trabalho foi a utilização de uma malha, de trama aberta e tensionada, para aplicarmos uma camada bem fina de fibrosolo. Resultou numa combinação interessantíssima da maleabilidade da trama com a plasticidade do fibrosolo. Vários outros ensaios foram feitos com objetivo de observar o comportamento de trama, em formas de mantas e redes, agregando-se ainda outros componentes como resinas naturais. A partir daí foram aparecendo variações relevantes como cascas estruturais e placas pré-moldadas de espessuras mínimas. Com 0,5cm em alguns casos.

A recomposição das peças foi outra boa surpresa. Percebemos a simplicidade de se recompor, retrabalhar e restaurar peças de fibrosolo quando associados a tramas ou películas de revestimento.